

Spirit Box para se comunicar com os Espíritos

O “Spirit Box” é um dispositivo muito comentado atualmente, sobre tudo por conta dos canais de “caça-fantasmas”. Até mesmo, **com muitos enganos**, o “Canal Espírita” já abordou o assunto, conforme eu demonstro [neste vídeo](#). Mas o assunto não é novo: há muito tempo, pesquisadores da transcomunicação instrumental (TCI) dizem se utilizar de dispositivos eletrônicos para a comunicação dos Espíritos. Allan Bispo descreve o seguinte fato curioso:

Poderíamos dizer que o primeiro caso de voz paranormal gravada aconteceu no laboratório de física experimental da universidade católica de Milão, em 17 de setembro de 1952.

Ali, os padres Gemelli e Ernetti realizavam experiências com cantos gregorianos para eliminar os harmônicos. Naquela época não existiam gravadores com fitas, mas apenas com fios. Este fio se rompia com frequência, então era necessário dar um nó finíssimo para não prejudicar o som.

Naquele dia, o fio acabara de se romper mais uma vez e o padre Gemelli, chateado, exclama: “oh, papai, me ajude”, como tinha por hábito de dizer há muitos anos, desde a morte de seu pai.

Uma vez feito o conserto, começaram a escutar o material gravado, porém, ao invés do canto gregoriano esperado, ouviram estupefatos a voz do pai: “claro que o ajudo e estou sempre com você”.

BISPO, Allan. “Transcomunicação Instrumental”. Disponível em <https://www.harmoniaespiritual.com.br/2011/09/transcomunicacao-instrumental.html>. Acessado em 19 de outubro de 2023.

Por esses e outros fatos, podemos constatar que a transcomunicação instrumental, mesmo através da “Spirit Box”, não é algo impossível. Na verdade, parece bastante factível. A questão, sempre, em se tratando de ciência, será saber analisar a tudo fria e metodologicamente, separando as coisas...

Interesses

A grande dificuldade, sempre, será saber analisar e separar o que é verdadeiro, sério, daquilo que não é. O problema não é novo: na época de Kardec os charlatães já faziam uso dos mais diversos tipos de truques e artifícios para ganharem fama e, quase sempre, dinheiro. Por isso Kardec sempre recomendou o sangue-frio na análise desses supostos fenômenos, nunca aceitando nada apressadamente. Os artigos “A floresta de Dodona e a estátua de Memnon”, da Revista Espírita de fevereiro de 1858, “Fraudes espíritas”, de abril de 1859 e “O músculo que range”, de junho de 1859, são recomendados nesse sentido ((Todo o estudo da Revista Espírita é importante, é evidente)).

Esse problema, dos interesses por detrás dos supostos fenômenos, não se restringem à comunicação por instrumentos, somente. Abrange também as comunicações mediúnicas, infelizmente. Mas, atualmente, uma nova (má) contribuição veio somar nesse sentido: o surgimento de aplicativos que, supostamente, permitiriam a comunicação com os Espíritos.



Não está em nossas condições afirmar se os Espíritos podem ou não podem interagir por meio de um aplicativo de celular, **simplesmente porque não existe estudo metodológico sobre isso**. Sendo o Espiritismo uma ciência, isto é claro: o que não está desenvolvido pela metodologia científica **não pode** ser admitido, nem sumariamente descartado. Mas há um ponto relevante: os Espíritos **não interagem diretamente sobre a matéria, isto é, não sem um médium de efeitos físicos que lhes permitam obter o fluido perispiritual animalizado (ectoplasma) para efetuar qualquer ação sobre a matéria.**

Tendo esse médium à disposição — muitas vezes, sem mesmo que este saiba — o Espírito age, por assim dizer, *diretamente sobre a matéria*. Desse modo, podemos afirmar, com segurança, que a comunicação via objetos (transcomunicação instrumental) é apenas mais uma opção e, talvez, a mais limitada delas.

A questão aqui é apontar para o fato de que, munidos de tais aplicativos e de falsas ideias, canais de vídeo no YouTube se transformaram em gigantescas fontes de lucros e de desinformação. Muitos desses canais, com centenas de milhares de seguidores, geram somas mensais de milhares de dólares aos seus donos, que parecem encontrar Espíritos “presos” em todo imóvel abandonado. Além disso, temos o próprio mercado de dispositivos e de aplicativos, que vivem da propaganda feita por esses canais. É uma verdadeira pirâmide de interesses, onde a caridade não encontra lugar.

Falsas suposições

Espíritos frequentam de preferência as ruínas

Por desconhecimento do Espiritismo, parte-se da falsa ideia de que os Espíritos sofredores estariam especialmente alocados em determinados lugares, como casas abandonadas e cemitérios. **Isso é falso**. Como o que consta em O Livro dos Médiuns a esse respeito é excelente por si só, recomendo a leitura do artigo “[Lugares assombrados](#)”, do qual destaco o seguinte excerto:

4.ª. Tem qualquer fundamento a crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas?

“Nenhum. Os Espíritos vão a tais lugares, como a todos os outros. A imaginação dos homens é que, despertada pelo aspecto lúgubre de certos sítios, atribui à presença dos Espíritos o que não passa, quase sempre, de efeito muito natural. Quantas vezes o medo não tem feito que se tome por fantasma a sombra de uma árvore e por espectros o grito de um animal, ou o sopro do vento? Os Espíritos gostam da presença dos homens; daí o preferirem os lugares habitados, aos lugares desertos.”

O que não quer dizer que não existam Espíritos que fiquem apegados aos lugares, sobretudo quando se tratam de suas antigas moradias. **Triste realidade, que**

causa sofrimento ao Espírito com apego às ideias materialistas.

Somente se comunicam Espíritos sofredores

Ideia fixa entre os “caça-fantasmas” é a de que somente se comunicam Espíritos trevosos ou sofredores. Isso é falso. Por meio das manifestações físicas se comunicam Espíritos inferiores, mas isso não quer dizer que sejam maldosos ou que suas intenções sejam más. Muitas vezes querem apenas chamar a atenção ou mesmo agradecer. A Revista Espírita é repleta de fatos como esses, sendo um deles aquele contado no artigo [“Um antigo carreteiro”](#), de dezembro de 1859.

Falar com Espíritos sofredores causa obsessão

Essa é outra ideia muito falsa que reina no movimento espírita em geral. O que causa obsessão é a livre aceitação da influência de outro Espírito, encarnado ou desencarnado. Desde que não se permita essa influência, por uma força moral maior, ela não ocorrerá. Não podemos, porém, apoiar as brincadeiras e as tolices feitas através das evocações dos Espíritos, o que somente poderá atrair Espíritos levianos ou mesmo maldosos (que, uma vez mais, somente encontrarão espaço para influência se encontrarem ressonância nas ideias e nas ações dos indivíduos).

Estranho fato é que um dos maiores fatores de instalação de uma obsessão é a aceitação cega do que dizem os Espíritos, coisa que a maior parte do Movimento Espírita moderno faz. Já tratamos sobre isso no artigo [“Obsedados e Subjugados: os perigos do Espiritismo”](#).

Mais um fato: **não é a evocação que atrai os Espíritos, mas o pensamento.**

Os Espíritos que se comunicam estão “presos” à Terra

Ainda outra ideia exaustivamente repetida, **e falsa**, é a de que os Espíritos precisem de “resgate” e que, se isso não acontecer, ficarão “presos” à Terra. Até mesmo um grande canal como o “Canal Espírita” divulga essa falsa ideia, baseada em opiniões. Como demonstra O Livro dos Médiuns (e a Doutrina Espírita inteira) os Espíritos se dirigem por intermédio de sua vontade. Pela vontade e por conta de pouca compreensão e de apegos, podem se ater a pessoas, situações ou

lugares. Quando mais elevados e mais desprendidos das ideias materialistas — algo a que o Espiritismo favorece substancialmente — mais facilmente se desprendem da matéria.

É fato que grande parte dos Espíritos que deixam a matéria, aqui na Terra, ainda é constituída de Espíritos pouco desenvolvidos e que permanecem preocupados e envolvidos com interesses mundanos. Mas não é assim com todos. Novamente, o estudo da Revista Espírita (1858 - 1869) prova este princípio.

Evocar Espíritos faz com que fiquem presos à Terra

Essa ideia, repetida pelo Luiz Fernando, no Canal Espírita, também não encontra base no Espiritismo. Na verdade, ela contradiz tudo o que anos de pesquisa séria demonstraram. Evocar os Espíritos (de maneira séria e com bons propósitos) é útil e natural e, em se tratando de Espíritos sofredores, os ajuda a raciocinarem e a justamente se desapegarem da matéria. É o inverso do que dizem aqueles que afirmam tal coisa.

Futilidade

Além da inutilidade e dos interesses, temos também a futilidade. Da mesma forma que acontecia com as brincadeiras do compasso e dos copos que andam, e evocação leviana e fútil dos Espíritos somente pode atrair Espíritos levianos e fúteis. Às vezes, algum Espírito maldoso busca pregar uma peça ou um susto. Outras vezes, **se houver ressonância de ideias**, pode encontrar alguém para obsedar.

Ausência de utilidade

Supondo que alguns desses eventos sejam comunicações genuínas e admitindo a possibilidade de que aconteçam, precisamos perguntar qual a utilidade delas, dado que **somente podem ser realizadas por Espíritos inferiores**? Ora, é fato que essas manifestações tiveram sua razão de ser, no passado, de modo a chamar a atenção para os fatos espíritas, mas será que hoje seriam necessárias (excetuando-se os casos muito particulares)? Perguntamos: por que não utilizarmos médiuns, que são ferramentas muito melhores e mais completas para

essas comunicações?

É importante lembrar, também, que **os Espíritos não podem interagir sobre a matéria diretamente**, sem o concurso de um médium, ainda que inconsciente disso. Isso está evidenciado em [O Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores > Segunda parte – Das manifestações espíritas > Capítulo V – Das manifestações físicas espontâneas > Arremesso de objetos](#). Assim, refletimos: já que o médium é indispensável, não seria mais lógico torná-los boas ferramentas, pelo estudo, ao invés de remeter os Espíritos a manifestações físicas?

Além disso, temos que destacar que, afastados os erros e a charlatanice, existem os fenômenos materiais genuínos de Espíritos apegados às ideias materialistas que, por isso, não conseguem encontrar melhor rumo após deixarem o corpo. Ainda aqui, nota-se que, pela ausência de conhecimento do Espiritismo, os indivíduos bem-intencionados, munidos de suas “Spirit Box”, deixam de ser muito mais úteis, pois não sabem lidar com tal fato. Baseiam-se nas falsas ideias vigentes e muito pouco ou nada agregam para auxiliar na mudança de pensamentos daquele Espírito.

Importância do Espiritismo

O Espiritismo, como doutrina científica, é o resultado de anos de pesquisas sérias e metodológicas sobre as manifestações dos Espíritos. Não é algo que alguém tenha tirado de suas próprias ideias e dito “eu digo que é assim”. Pelo contrário: esse estudo levou, por diversas vezes, a que os indivíduos, inclusive Kardec, fossem contrariados em suas hipóteses.

Por esse motivo, estudá-lo é essencial para quem quer que queira fazer o bem com menos erros e praticar a comunicação com Espíritos sadia e útil como ela deve ser.

A verdadeira psicologia

Não se busca, hoje, em geral, investigar a origem da infelicidade, da depressão ou dos distúrbios pela investigação da alma e de sua vontade: busca-se, pelo contrário, investigar qual é gene da psicopatia, não cogitando que, encontrando-se as “anomalias”, seriam estas definidas pela alma, e não o contrário.

Devemos publicar tudo quanto dizem os Espíritos?

“Os sofrimentos do jovem Werther” trata-se de um romance epistolar de Goethe, de 1774, onde o seu protagonista, um rapaz da alta aristocracia alemã, troca correspondências com um amigo chamado Guilherme, contando sobre suas viagens e experiências cotidianas (vide ao parágrafo introdutório do artigo), até o encontro com a bela Charlotte.

Embora ambos, Werther e Charlotte, vivam, de fato, uma história de amor, o rapaz não pode ser correspondido completamente por sua amada, já que a mesma é casada com outro homem. Werther, por sua vez, não vê outra saída e põe um fim em sua vida, dando um tiro na própria cabeça. O momento de seu suicídio é um dos episódios mais comoventes do livro e, considerado por muitos, da história da literatura.

O tom realístico e perturbador do romance provocou uma verdadeira comoção entre os jovens da época, que atraídos pelo espírito passional e depressivo de seu respectivo protagonista, resolveram seguir o mesmo rumo, pondo fim em suas próprias vidas. Foi grande o número de suicídios relacionado à leitura do pequeno-grande romance de Goethe, tornando-se rapidamente uma obra maldita para a igreja. Na psicanálise criou-se um termo chamado Efeito Werther, em referência ao personagem e caracterizado por sua fenomenologia suicida.

E o que essa história tem a ver com os Espíritos? Ora, tudo! Goethe foi uma

personalidade de um Espírito encarnado - Espírito esse que, aliás, posteriormente se mostrou muito arrependido das ideias lançadas às mentes desavisadas, quando, em 1859, evocado por Kardec, responde assim, conforme apresentado na Revista Espírita desse ano:

12. – Que pensais do Werther?

– Agora lhe reprovoo o desenlace.

13. – Não teria essa obra feito muito mal, exaltando paixões?

– Fez, e causou desgraças.

14. – Foi a causa de muitos suicídios. Sois por isso responsável?

– Desde que houve uma influência maléfica espalhada por mim, é exatamente por isso que sofro ainda e de que me arrependo.

Somos responsáveis por aquilo que dizemos e, se não podemos nos responsabilizar totalmente pelas ações que os outros tomem em decorrência das nossas próprias - posto que é da autonomia e da vontade do outro a escolha entre agir desta ou daquela forma - somos, ao menos, em grande parte responsáveis por induzir outras mentes nos erros das imperfeições que, muitas vezes, atrapalham a nós mesmos.

Seguimos, portanto, esta breve reflexão, apresentando, integralmente, um artigo de Allan Kardec, na Revista Espírita de novembro de 1859 - “Devemos publicar tudo quanto os Espíritos dizem”?

Esta pergunta nos foi dirigida por um dos nossos correspondentes.

Respondemo-la da maneira seguinte:

Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens?

Quem quer que possua uma noção do Espiritismo, por superficial que seja, sabe que o mundo invisível é composto de todos aqueles que deixaram na Terra o envoltório visível. Despojando-se, porém, do homem carnal, nem todos se revestiram, por isso mesmo, da túnica dos anjos. Há, portanto, Espíritos de todos os graus de conhecimento e de ignorância, de moralidade e de imoralidade. Eis o que não devemos perder de vista. Não esqueçamos que entre

os Espíritos, assim como na Terra, há seres levianos, desatentos e brincalhões; falsos sábios, vãos e orgulhosos de um saber incompleto; hipócritas, malévolos e, o que nos pareceria inexplicável, se de algum modo não conhecêssemos a fisiologia deste mundo, há sensuais, vilões e devassos que se arrastam na lama. Ao lado desses, assim como na Terra, há seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos e dotados de sublimes virtudes. Como, entretanto, o nosso mundo não está na primeira nem na última posição, embora mais vizinho da última que da primeira, disso resulta que o mundo dos Espíritos abrange seres mais avançados intelectual e moralmente do que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que estão em situação inferior à dos homens mais inferiores.

Desde que esses seres têm um meio patente de comunicar-se com os homens e de exprimir os seus pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser efetivamente o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios.

De acordo com o caráter e a elevação dos Espíritos, as comunicações poderão ser levianas, triviais, grosseiras e até mesmo obscenas, ou marcadas pela elevação intelectual, pela sabedoria e pela sublimidade. Eles se revelam por sua própria linguagem. Daí a necessidade de não aceitar cegamente tudo quanto vem do mundo oculto, e de tudo submeter a um severo controle. Com as comunicações de certos Espíritos, do mesmo modo que com os discursos de certos homens, poder-se-ia fazer uma coletânea muito pouco edificante. Temos sob os olhos uma pequena obra inglesa, publicada na América, que é prova disto. Dela pode-se dizer que uma senhora não a recomendaria como leitura à filha. Por isto, não a recomendamos aos nossos leitores.

Há pessoas que acham isto engraçado e divertido. Que se deliciem na intimidade, mas que o guardem para si próprias. O que é ainda menos concebível é que se vangloriem de obter comunicações indecorosas. Isto é sempre indício de simpatias que não podem ser motivo de vaidade, sobretudo quando essas comunicações são espontâneas e persistentes, como acontece a certas pessoas. Isto absolutamente não permite que façamos um julgamento apressado de sua moralidade atual, pois conhecemos pessoas afligidas por esse gênero de obsessão, ao qual de modo algum se presta o seu caráter. Entretanto, como todos os efeitos, este também deve ter uma causa, e se não a encontramos na existência presente, devemos procurá-la numa experiência

anterior. Se essa causa não está em nós, está fora de nós. Contudo, há sempre um motivo para estarmos nessa situação, mesmo que esse motivo seja apenas a fraqueza de caráter. Conhecida a causa, de nós depende fazê-la cessar.

Ao lado dessas comunicações francamente más, e que chocam qualquer ouvido um pouco delicado, outras há que são simplesmente triviais ou ridículas. Haverá algum inconveniente em publicá-las? Se forem divulgadas pelo que valem, haverá apenas um mal menor. Se o forem a título de estudo do gênero, com as devidas precauções e com os comentários e as restrições necessárias, poderão até mesmo ser instrutivas, na medida em que contribuam para se conhecer o mundo espírita em todas as suas nuances. Com prudência e habilidade, tudo pode ser dito. O mal está em apresentar como sérias, coisas que chocam o bom-senso, a razão ou asconveniências. Neste caso, o perigo é maior do que se pensa.

Para começar, tais publicações têm o inconveniente de induzir em erro as pessoas que não estão em condições de examiná-las e discernir o verdadeiro e do falso, principalmente numa questão tão nova como o Espiritismo. Em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, que não perdem a oportunidade de tirar desse fato argumentos contra a alta moralidade do ensino espírita, porque, diga-se mais uma vez, o mal está em apresentar seriamente coisas notoriamente absurdas. Alguns poderão até mesmo ver uma profanação no papel ridículo que emprestamos a certas personagens justamente veneradas, às quais atribuímos uma linguagem indigna delas. As pessoas que estudaram a fundo a ciência espírita sabem que atitude convém adotar em semelhantes casos. Sabem que os Espíritos zombeteiros não têm o menor escrúpulo de enfeitar-se com nomes respeitáveis, mas sabem também que esses Espíritos só abusam daqueles que gostam de se deixar abusar e que não sabem ou não querem destruir suas artimanhas pelos meios de controle já conhecidos. O público, que ignora isto, vê apenas uma coisa: um absurdo oferecido à sua admiração como se fosse coisa séria, e em razão disso diz para si mesmo que se todos os espíritas são como esse, não desmerecem o epíteto com que foram agraciados. Sem a menor dúvida, tal julgamento é precipitado. Vós acusais com justa razão os seus autores de leviandade e lhes dizeis: estudai o assunto e não examineis apenas uma face da medalha. Há, porém, tanta gente que julga a priori, sem se dar ao trabalho de erguer uma palha, principalmente quando não

existe boa vontade, que é necessário evitar tudo quanto lhes possa dar motivos para censuras, tendo em vista que se a má vontade juntar-se à malevolência, o que é muito comum, ficarão encantadas por encontrarem o que criticar.

Mais tarde, quando o Espiritismo estiver vulgarizado, mais conhecido e compreendido pelas massas, tais publicações não terão mais influência do que hoje teria um livro de heresias científicas. Até lá, nunca seria demasiada a circunspeção, porque há comunicações que podem prejudicar essencialmente a causa que querem defender, em escala muito maior que os grosseiros ataques e as injúrias de certos adversários. Se algumas fossem feitas com tal objetivo, não teriam menor êxito. O erro de certos autores é escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, dando lugar, assim, a uma crítica fundamentada. Eles se queixam do julgamento temerário de seus antagonistas, sem atentar para o fato de que muitas vezes são eles mesmos que revelam seu ponto fraco. Aliás, a despeito de todas as precauções, seria presunção suporem-se ao abrigo de toda crítica, a princípio porque é impossível contentar a todo o mundo; depois, porque há os que riem de tudo, mesmo das coisas mais sérias, uns por sua condição, outros por seu caráter. Riem muito da religião. Não é, pois, de admirar que riem dos Espíritos, que não conhecem. Se pelo menos essas brincadeiras fossem espirituosas, haveria compensação. Infelizmente, elas em geral não brilham nem pela finura, nem pelo bom gosto, nem pela urbanidade e muito menos pela lógica. Façamos, pois, o melhor que pudermos, trazendo para nosso lado a razão e a conveniência, e assim traremos para o nosso lado também os trocistas.

*Essas considerações serão facilmente compreendidas por todos, mas há uma não menos importante, pois se refere à própria natureza das comunicações espíritas, e por isso não devemos omiti-la. **Os Espíritos vão aonde acham simpatia e onde sabem que serão ouvidos.** As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, só podem emanar de Espíritos inferiores.*

*O simples bom-senso o indica. **Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que se veem complacentemente escutados.** Ligam-se àqueles que admiram as suas tolices e muitas vezes se apoderam deles e os dominam a ponto de fasciná-los e subjugá-los.*

A importância que, pela publicidade, é dada às suas comunicações, os

atrai, excita e encoraja. O único e verdadeiro meio de afastá-los é provar-lhes que não nos deixamos enganar, rejeitando impiedosamente, como apócrifo e suspeito, tudo aquilo que não for racional; tudo aquilo que desmentir a superioridade que se atribui ao Espírito que se manifesta e de cujo nome ele se serve. Então, quando vê que perde o seu tempo, ele se afasta.

*Julgamos ter respondido satisfatoriamente à pergunta do nosso correspondente sobre a conveniência e a oportunidade de certas publicações espíritas. **Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte, seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento.** Esta é, pelo menos, a nossa opinião pessoal, que submetemos à apreciação daqueles que, desinteressados pela questão, podem julgar com imparcialidade, pondo de lado qualquer consideração individual. Como todo mundo, temos o direito de dizer a nossa maneira de pensar sobre a ciência que é objeto de nossos estudos, e de tratá-la à nossa maneira, não pretendendo impor nossas ideias a quem quer que seja, nem apresentá-las como leis. Os que partilham da nossa maneira de ver é porque creem, como nós, estar com a verdade. O futuro mostrará quem está errado e quem tem razão.*

Se temos responsabilidade por nossas ações, não temos menos responsabilidade por propagar falsas ou danosas ideias, resultantes do pensamento alheio, por ostensiva ausência de cuidado e de estudo. Tratamos de Espiritismo, e esse assunto é sério. Não façamos menos, nessa matéria, do que o necessário, que é estudá-lo sem cessar, em todo seu contexto, nunca dando por afirmativas finais aquilo que não tenhamos encontrado concluído nas teses doutrinárias. Lembramos sempre que o próprio Allan Kardec deixou diversos assuntos em aberto, pela impossibilidade de avançar sobre eles, naquela época, mas exortamos para que isso não seja motivo para, levianamente, aceitar qualquer comunicação posterior como complemento desses assuntos, pois, sem o conhecimento e a metodologia necessária, cairíamos no erro de não observar tudo aquilo que Kardec apontou no texto acima, resumo de anos de estudo frente ao Espiritismo.

Também é de nossa opinião que “publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte, seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento”! Goethe tomou a decisão de publicar algo que foi fruto de sua mente - e, muito provavelmente, de outras mentes espirituais, que o induziram a tais ideias. E se essas mesmas mentes, ou o próprio Espírito de Goethe, nos

comunicasse um romance de tal teor, por vias mediúnicas? Deveríamos simplesmente publicá-lo?

Note que, de forma alguma, este Grupo se coloca em tom de crítica quanto ao médium. Afinal, ele é a ferramenta de intercâmbio das ideias. O problema que aqui se destaca é no que tange à análise dessas comunicações e o uso que se faz delas e, por aí, pode o leitor imaginar o quanto lamentamos as diversas publicações de supostas cartas psicografadas ou mesmo livros que, indiscriminadamente, favorecem o espalhamento e a inculcação de falsas ideias ligadas aos dogmas da queda pelo pecado, do castigo divino, do apego às coisas da matéria mesmo no mundo espiritual, etc.

Aforismos espíritas sobre o suicídio

- o suicídio é um erro, é claro. Pode ser resultante de um grande desespero, de uma total ausência de fé no futuro - fruto do materialismo - pode ser fruto de um hábito - sempre que ele enfrenta uma dificuldade, ele escolhe desistir -, etc., mas o fato, visto já no estudo do primeiro ano da Revista Espírita (1858), é que não podemos atrelar a ação do suicídio a efeitos padronizados, como, por exemplo, dizer que esse espírito vai ficar sofrendo no [“vale dos suicidas”](#) (que não é um lugar, como muitos pensam). Cada caso é um caso. E, afinal, é um erro, como tantos outros. Não tem nada de “pecado maior” ou “crime maior” perante a Deus. Deus não cobra.

- Lembro, enfim, que o estudo sério da Doutrina Espírita em sua originalidade, afastada dos dogmas religiosos do pecado, da queda e do castigo, atrelados à sua irmã gêmea inseparável - a ciência do Magnetismo - conduziu e conduz muitos descrentes à fé raciocinada e à reconquista do ânimo pela vida.

- a Doutrina Espírita não é uma doutrina de falsas ideias, mas uma Doutrina que reconduz o Espírito à responsabilidade sobre si mesmo, pela autonomia e pela consciência.

- De resto, penso que a melhor forma de auxiliar alguém em estado de depressão ou desistência, é demonstrar que:

1. Ele não está sendo castigado por nada. Dores e tristezas, alegrias e prazeres são parte ***da matéria***, e todos nós passamos por eles. Felicidade, porém, é conquista do Espírito, que caminha em direção ao bem e ao aperfeiçoamento de si mesmo, enquanto a infelicidade é fruto das imperfeições, desenvolvidas por ações autônomas e conscientes do Espírito, ligadas às sensações, aos prazeres e às paixões. Um Espírito feliz também passará por dores e tristezas, na carne, mas isso não definirá seu estado de felicidade ou infelicidade. Portanto, para podermos atingir a felicidade e a paz interior, precisamos aprender e nos colocar, com toda honestidade, sob análise constante de nós mesmos, buscando nos desapegar desses fatores que nos levam às imperfeições - lembrando que errar e aprender é uma coisa, todo mundo faz no processo de aprendizado, ao passo que errar e se apegar ao erro, num esforço consciente, por conta de prazeres e paixões é que é o grande problema.

2. As dificuldades enfrentadas, por vezes, são fruto das escolhas erradas, ainda nesta vida. Outras vezes, são planejadas como provas, com a finalidade de auxiliar a vencer uma imperfeição. De qualquer forma, são oportunidades que precisam ser encaradas, e o conhecimento espírita ajuda ***demais*** nesse processo.

3. Interromper uma vida através do suicídio direto ou indireto apenas fará com que o sofrimento ***moral*** se prolongue por mais tempo, pois, sendo ele originário das imperfeições, apenas cessará quando essas forem vencidas, pelo esforço autônomo e consciente.

4. Tentar ajudar alguém a vencer as ideias do suicídio através do medo, que surge das falsas ideias, é um erro, pois a pessoa que se acredita desgraçada ou mesmo pecadora já está desesperada. Ao invés disso, é necessário buscar auxiliá-la a raciocinar sobre a utilidade de cada segundo da vida encarnada para justamente vencer as imperfeições que lhe impedem de ser verdadeiramente feliz.

É preciso cuidado e estudar bastante. As falsas ideias estão atreladas à nossa educação espírita por mais de um século, mas não são parte original da Doutrina.

Por fim destaco a questão 957, de O Livro dos Espíritos, que vem apontar uma conclusão muito importante:

957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?

“Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar: o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são sempre os mesmos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que no caso de morte natural ele se enfraquece gradualmente, e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências desse estado de coisas são o prolongamento da perturbação que se segue à morte e da ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165.)

A distância entre o Espiritismo e o Movimento Espírita

Uma correspondente questionou a respeito do que seria essa suposta distância, por nós sempre afirmada, entre a Doutrina Espírita e o Movimento Espírita.

A ela, podemos responder desta forma, para exemplificar para todos:

“B..., isso é algo que cada um precisa realmente estudar ou buscar se informar, principalmente sobre as obras citadas ((

- No sentido das alterações doutrinárias: O Legado de Allan Kardec, de Simoni Privato; Nem Céu Nem Inferno, de Paulo Henrique de Figueiredo; Ponto Final, de Wilson Garcia
 - No sentido do conhecimento sobre o contexto doutrinário: Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo, de Paulo Henrique de Figueiredo;
 - No entendimento real da Doutrina, na essência proposta por Kardec, através dos estudos: O Céu e o Inferno e A Gênese, ambos da editora FEAL, pois os outros são as versões adulteradas, ainda.)) , porque compreender e, daí, assumir novo posicionamento, precisa ser uma **ação autônoma**. Contudo, posso ressaltar algumas diferenças capitais entre Doutrina Espírita (DE) e Movimento Espírita atual (ME):
-
- Evocações dos espíritos: DE foi formada sobre elas e demonstrou a necessidade de serem realizadas, com método, para continuar seu desenvolvimento; ME recomenda não fazer, provocando uma onda de médiuns que ficam apenas “à disposição”, portanto, sem controle nem objetivo de aprendizado.
 - Generalidade do ensino: DE demonstrou a necessidade de desenvolver o estudo espírita através do método do duplo controle: universalidade e concordância do ensino e julgamento racional; ME, contagiada por Roustaing, que via um perigo nesse método (que desmentiria suas teorias), passou a tomar comunicações isoladas como expressão da verdade, sem raciocinar.
 - Vida do Espírito na erraticidade: DE demonstrou que emoções e sensações físicas somente existem para o Espírito apegado; ME passou a ensinar um mundo espiritual totalmente materializado, criando, assim, ideias de apego nocivas ao Espírito que desencarna.
 - Necessidade da encarnação: DE demonstrou que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito, na qual ele, mesmo que involuntariamente, faz seu papel solidário na criação. Afastou os conceitos de castigo e punição como uma ação arbitrária de Deus, demonstrando que tudo é fruto da escolha do Espírito consciente; ME, sob influência roustanguista, inseriu os falsos conceitos de carma, resgate, lei de ação e reação e lei do retorno.
 - Heteronomia x autonomia: DE demonstrou, em toda ela, que o Espírito se desenvolve de forma autônoma, sendo ele o autor primeiro, senão o único,

de suas escolhas; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da vida de forma heterônoma - se sofro é porque estou recebendo o retorno; se tenho alegria é porque fui abençoado, etc.

- Caridade: DE demonstrou que a caridade é uma ação desinteressada, fruto do dever do Espírito que, conscientemente, se move em direção ao bem; ME passou a tratar da caridade como uma ação externa, quase sempre apenas material. Por ausência de estudos da DE, ME deixa de fazer o bem que poderia fazer para auxiliar no desenvolvimento da sociedade pelas ideias espíritas.
- Moral: DE demonstrou que, todos criados simples e ignorantes, os Espíritos se desenvolvem errando e acertando, através das encarnações, escolhendo entre agir desta ou daquela forma. Não há dualidade entre bem e mal. Alguns escolhem repetir o erro, desenvolvendo imperfeições das quais muito custarão a se desvencilhar, através do trabalho reencarnatório, em uma ação consciente e autônoma; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da encarnação como um castigo, como se todos os Espíritos que encarnam fossem imperfeitos.
- Método: DE sempre demonstrou a forma como ela própria se desenvolveria: pelo estudo das ciências humanas, confrontadas, pela razão, com os ensinamentos espíritas, na troca de informações com grupos idôneos espalhados por todo o mundo; já a ME praticamente não estuda os fundamentos da DE, se isolou nos centros em rotinas que compreendem: monólogos, quase sempre recheados de todos os erros apontados anteriormente; passes, sem conhecimento do magnetismo; e sessões mediúnicas que, sem método e sem estudos, perdem o propósito e a utilidade que realmente poderiam ter.

E por aí vai.”

Vemos que as diferenças entre a Doutrina Espírita, em sua origem, e o que hoje professa ou acredita o Movimento Espírita, são profundas e, quase sempre, danosas à propagação da Doutrina. Cabe, portanto, o esforço voluntário de cada um no estudo honesto e desapegado, bem como na divulgação fraterna e cooperativa do conhecimento.

Complementando as obras citadas, não podemos deixar de apontar a necessidade do estudo da Revista Espírita, que demonstra como se deu a formação da

Os sistemas de reforma social e o Espiritismo

por Paulo Degering Rosa Junior

Há tempos venho realizando abordagens ((Veja os artigos “[Espiritismo e Política](#)” e “[O silêncio do Movimento Espírita ante os temas sociais](#)”)) a respeito da impossibilidade de se atrelar o Espiritismo a qualquer ideologia política e do quanto essa prática é nociva e danosa ao Movimento Espírita. Quando defendo que o Espiritismo não se deve misturar à política, não quero dizer que ele não possa dar a ela sua contribuição, mas, sim, que ele não deve ser misturado às opiniões e às ideias de sistemas que, de modo avesso à moral espírita, querem mudar a sociedade a golpes de força, por imposição, ao passo que o Espiritismo **demonstra** que a única forma de realizar qualquer mudança na sociedade é auxiliando o indivíduo a abandonar maus hábitos e imperfeições, num gesto **racional, consciente e autônomo**.

Quem estuda o Espiritismo com alguma dedicação compreende facilmente esse princípio. Contudo, faltava-me encontrar uma verdadeira pérola de Allan Kardec, inserida em meio a um texto que, até hoje, confesso, ainda não havia lido, nem conhecido. A pérola em questão está na publicação “Viagem espírita em 1862”, em “Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos Espíritas de Lyon e Bordeaux.”, item III:

*Acabo de dizer que **sem a caridade o homem não constrói senão sobre a areia**. Um exemplo nos fará compreender melhor.*

*Alguns homens bem-intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, julgaram encontrar o remédio para o mal em certos **sistemas de reforma social**. Com pequenas diferenças, o princípio é mais ou menos o mesmo em todos eles, **seja qual for o nome que se lhes dê**. Vida*

comunitária por ser a menos onerosa; comunidade de bens, para que todos tenham sua parte; participação de todos para a obra comum; nada de grandes riquezas, mas, também, nada de miséria. Isto era muito sedutor para quem, nada tendo, já via a bolsa do rico entrar no fundo social, sem calcular que a totalidade das riquezas, postas em comum, criaria uma miséria geral, em vez de uma miséria parcial; que a igualdade hoje estabelecida seria rompida amanhã pela mobilidade da população e pela diferença entre as aptidões; que a igualdade permanente dos bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho. Mas, não é esta a questão; não entra em minhas cogitações examinar o lado positivo e negativo desses sistemas. Faço abstração das impossibilidades que acabo de citar e me proponho considerá-los de um outro ponto de vista que, parece-me, ainda não preocupou a ninguém e que se relaciona com o nosso assunto.

KARDEC, Allan. Viagem Espírita de 1862, Grifos meus.

Kardec, como sempre muito lúcido em seus apontamentos, inicia apontando os problemas muito claros que tais “sistemas de reforma social” acarretariam à sociedade. Contudo, não se aprofunda sobre isso, para atacar, em seguida, a temática moral, esta sim muito importante, e demonstrando, uma vez mais, que seus interesses, alinhados ao Espiritismo, não consistiam em destruir, mas em construir:

Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não tiveram em mira senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. O objetivo é louvável, sem dúvida. Resta saber se, nesse edifício, não falta a única base que poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável.

A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade((Um dos princípios do Espiritismo é a relação dos Espíritos para com todos, em contrário do falso princípio da individualidade (N. do E.))). Cada um **devendo** dar de si pessoalmente, ela requer o mais absoluto devotamento((O Dever moral era algo muito bem definido pelo Espiritualismo Racional, do qual o Espiritismo é o desenvolvimento(N. do E.))). Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a caridade, isto é, o amor ao próximo((Caridade desinteressada (N. do E.))). Mas reconhecemos que o fundamento da caridade é a crença((A caridade,

para ser possível, requer consciência, pautada na razão (N. do E.)); que a falta de crença conduz ao materialismo e o materialismo leva ao egoísmo. **Um sistema que, por sua natureza e para sua estabilidade, requer virtudes morais no mais supremo grau, deve tomar seu ponto de partida no elemento espiritual.** Pois bem! já que o lado material é o seu objetivo exclusivo((Porque são sistemas baseados nas filosofias materialistas, com origem principal em Aristóteles e reproduzida com muita força por Comte (N. do E.))), não só o elemento espiritual **não é levado em consideração**, como vários sistemas são **fundados sobre uma doutrina materialista altamente confessada**((Vejamos: a imperfeição pode se desenvolver por uma completa inabilidade em lidar com as questões da vida, por falta de entendimento da moral (carência de educação). Ao buscar, por exemplo, a felicidade nas coisas e nas situações da vida, o ser passa a atribuir uma importância descabida aos recursos necessários para fazê-lo. Se não os têm, sente-se infeliz (triste), mas, julgando que a ele também cabe a felicidade, pode julgar que, para satisfazer a isso, lhe seja lícito obtê-la daqueles que têm esses recursos em abundância. É a forma materialista de abordar o tema, reproduzida pela quase totalidade desses sistemas (N. do E.))), ou sobre o panteísmo, espécie de materialismo disfarçado, verdadeiro adorno do belo nome de fraternidade. **Mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõe nem se decreta; é preciso que esteja no coração e não será um sistema que a fará nascer, se lá ela não estiver; caso contrário o sistema ruirá e dará lugar à anarquia.**

Ibidem. Idem.

Kardec lançou a semente: as virtudes morais, de onde nasce a fraternidade, não nascem de um sistema. Não podem ser impostas nem decretadas. É preciso nascer do coração.

A experiência aí está para provar que **não se sufocam** nem as ambições, nem a cupidez. **Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa**, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso assegurar-se da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e de abnegação. O egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vãs; **como, então, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que**

requeira a abnegação num grau tanto maior quanto tem, por princípio essencial, a solidariedade de todos para com cada um e de cada um para com todos?

Ibidem. Idem.

Chega a ser incrível não ver, ainda, Kardec ocupar espaço entre os nomes da mais alta filosofia moral. Mas não é só a moral que está esquecida, mas, também, junto a ela, a espiritualidade racional.

Simples e sem adornos linguísticos que só servem para confundir e envaidecer, diz o professor: “Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa”. Sempre, sempre, atacando o cerne da questão, desde seus tempos de juventude, com pouco mais de 20 anos: a educação. Se se deseja mudar a sociedade, é preciso educar desde a infância. Ora, numa sociedade em que não existe educação, mas apenas instrução, que se quer atingir, senão os resultados que somos obrigados a topiar, diariamente, mundo afora? Que se pode esperar de indivíduos que são formados, desde os primeiros passos, nas escolas da disputa, da trapaça, da recompensa e do castigo, numa palavra, da heteronomia? Decerto, não serão indivíduos autônomos e fraternos, muito menos caridosos. E, para Kardec,

Sem a caridade, não há instituição humana estável; e não pode haver caridade nem fraternidade possíveis, na verdadeira acepção da palavra, sem a crença((Novamente, Kardec destaca a importância do conhecimento, que alicerça a razão (N. do E.))). Aplicai-vos, pois a desenvolver esses sentimentos que, engrandecendo-se, destruirão o egoísmo que vos mata. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas; os abusos, oriundos do personalismo, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade e, sobretudo, **pregai pelo exemplo**: é a âncora de salvação da sociedade. Só ela pode realizar o reino do bem na Terra, que é o reino de Deus; **sem ela, o que quer que façais, só criareis utopias, das quais só vos resultarão decepções.**

Ibidem. Idem.

Não é preciso ir muito mais longe. O pensamento de Kardec é bastante claro e lúcido, e o tomo não como argumento de autoridade , mas porque está de pleno acordo com aquilo que acredito ser a melhor expressão do conhecimento em moral, filosofia e educação, sobretudo no que tange ao progresso sucessivo e autônomo do ser, princípio demonstrado pelo Espiritismo.

Enquanto continuarmos lutando por transformações sociais impostas pela força, e até mesmo pela violência, criaremos apenas utopias e decepções. Vejamos que os exemplos disso, após Kardec, já são vários, e pululam à nossa volta. De certa forma, ele praticamente fez uma previsão daquilo que boa parte do mundo viria enfrentar, no século seguinte, por força dos sistemas e ideologias materialistas que vingam ainda hoje e que, paradoxalmente, são defendidos por expressiva parte do Movimento Espírita, que, em verdade, ainda não entendeu a verdadeira moral do Espiritismo e quer forçar os outros a se modificarem conforme o que agentes externos definem como ideal, e não pela própria consciência, num movimento autônomo e consciente.

Quando se trata de Movimento Espírita, é um disparate ver ideias materialistas defendidas dentro desse meio. Suponhamos, de forma bastante ingênua, que se crie uma lei que obrigue o rico a partilhar das suas riquezas: isso apenas gerará revolta nos Espíritos que tenham a imperfeição da avareza e, na primeira oportunidade, nesta ou em outras vidas, lutarão para restabelecer o poder antes possuído. Isso para não falar nos indivíduos que, acostumados aos vícios diversos, apenas utilizarão dos recursos partilhados para se refestelarem um tanto mais. Não é assim que se modifica uma sociedade.

Sem a caridade, que nasce da compreensão da moral da lei divina e do movimento autônomo em direção ao bem, o homem não constrói senão sobre a areia.

Carta Psicografada do diretor da

Chapecoense

Surgiu, recentemente, uma suposta carta psicografada do diretor da Chapecoense. O assunto é cansativamente repetitivo: sempre que acontece uma tragédia, seja individual, seja em grupo, que chama a atenção da sociedade, aparece uma suposta psicografia que, por falta de cuidado do Movimento Espírita, **não por acaso** vem repetir as **falsas ideias ligadas aos dogmas da queda pelo pecado e do pagamento de dívidas, carma, castigo, lei do retorno, etc**, já de muito superados pela ciência espírita desenvolvida pelos estudos de Allan Kardec.

Veja um trecho da *suposta* psicografia:

*“O que parece ser injustiça, quando visto de cima, todas as ideias e conceitos sobre o divino são repensados, refeitos, colocados em testes, em refazimento. Quero primeiramente que saibam que nada acontece por acaso. Não existem vítimas no Universo. **Colhemos o que plantamos**. Aprendo aqui que esta é a lei universal e inalterável, (...) a **lei da ação e reação** [...] Estávamos juntos em outras vidas e provocamos vários desastres aéreos no tempo das guerras. **E a boa justiça divina nos chamou para o acerto!**”.*

Não cansamos de destacar o quão falsa é essa ideia, como já tratamos em extensão por mais de uma vez ((refira-se aos artigos [“Lei de ação e reação, lei do retorno, carma: por que sofremos, segundo o Espiritismo?”](#), [“Karma \(ou carma\), castigo, pecado e punição: como Kardec abordou tudo isso em A Gênese”](#), [“O Espiritismo frente às guerras”](#))).

Não repetiremos aquilo que já dissemos nos artigos citados. Apenas lembraremos: cuidado, espíritas, pois [os Espíritos enganam aos desavisados](#), a maioria dos médiuns e dos trabalhadores que não estudam a Doutrina Espírita. A esses, reproduzem comunicações carregadas de falsos conceitos, com um só objetivo: manter as mentes que as aceitam cegamente afastadas da verdadeira moral espírita, que é [autônoma](#) e que se pauta pelo princípio do progresso sucessivo.

São ideias repetidas por “professores” do Espiritismo, com canais e grupos repletos de centenas de milhares de pessoas, e que poderiam fazer um bem enorme a si mesmos e à sociedade, mas que **escolhem vender os olhos e tapar**

os ouvidos ao estudo necessário, por crerem já saber de tudo, posto que estão até mesmo “ensinando” os outros.

São, aliás, indivíduos que não pensam no grande mal que fazem ao Espiritismo e ao desrespeito a essas famílias, **julgando** os entes falecidos, quando lhes afirmam “**criminosos do passado**”.

A Justiça Divina não se pauta por cobrar dívidas, mas, sim, por permitir que todos os Espíritos cheguem ao destino, que é a perfeição relativa, pelo **esforço próprio, consciente e autônomo**. Portanto, supostas psicografias como essa suposta carta psicografada do diretor da Chapecoense só podem ser uma de três coisas:

- Frutos de um Espírito obsessivo ao qual o médium se entrega;
- Frutos de um Espírito inferior, com quase nenhuma capacidade de compreensão do mundo espírita e apegado a velhas ideias religiosas;
- Frutos da opinião do próprio médium.

Em qualquer do caso, a suposta psicografia deve ser **sempre** analisada por outras pessoas, conhecedoras do Espiritismo, e apenas colocadas a público quando verificadas importantes e racionais para o interesse geral.

O **Grupo de Estudos O Legado de Allan Kardec** repudia esse tipo de ato inconsequente, que a cada dia mais afasta do Espiritismo aqueles que, julgando pelo que veem reproduzido pelo Movimento Espírita, ausente dos estudos, não se conformam com tais disparates e com a ausência da razão e da caridade na Doutrina que diz primar por esses dois princípios fundamentais.

Revisitando André Luiz: Ação e

Reação

Depois da descoberta de que, de Espiritismo, eu não conhecia nada (o que se deu há quase um ano) e com a confirmação de que uma série de dúvidas que eu sempre mantive em minha mente, e que vieram se acentuando conforme passei a colocar a cabeça para funcionar, deixei de ler as obras realizadas através da mediunidade de Chico Xavier.

Recentemente, porém, instigado pela sugestão de uma moça, em um grupo, que recomendou estudar a obra Ação e Reação para entendermos o porque os animais sofrem dores, encontrei diversas incongruências, desde as várias já conhecidas, entre os “ensinamentos” transmitidos por André Luiz e os postulados doutrinários do Espiritismo, passados pelo duplo controle do crivo da razão e do ensinamento geral dos Espíritos.

Não mais posso deixar passar, cegamente, diversos conceitos que, antes, eram mais ou menos aceitos sem raciocinar. Não após passar a conhecer Allan Kardec em sua essência, através dos [estudos da Revista Espírita](#), e também após começar a entender os conceitos de autonomia e moral, fundamentados pelo Espiritualismo Racional e [desenvolvidos pelo Espiritismo](#).

Resgates coletivos? Ação e reação? Olha, se tem alguma forma de tirar algo de útil, dessa obra, é primeiro necessário conhecer o Espiritismo, profundamente, entendendo-o como desenvolvimento do Espiritualismo Racional e fazendo uso de seus conceitos, pois as mais absurdas ideias têm se espalhado, na Doutrina, por conta desse desconhecimento.

Veja só que **complicado**:

“Em nosso estudo, porém, analisamos a **dor-expição**, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, **detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a Justiça...** É muito diferente... “

Ora, está estabelecido, pelo estudo do Espiritismo, que a expiação e a dor não andam inerentemente juntos. O trecho acima leva o leitor incauto a entender que, perante a “Justiça [divina]”, o ser se regenera pela **dor**, sendo que a dor é uma condição inerente ao Espírito encarnado, e difere de sofrimento moral. Da dor

física, sofre o mau e o bom. A expiação pode passar bem longe da dor, mas contar apenas com dificuldades, muitas vezes moralmente sofridas, que visam, segundo o planejamento do Espírito, dar-lhe as oportunidades para o aprendizado.

Contudo, de posse dos novos (na verdade, antigos) conhecimentos, poderíamos dar todo um significado diferente para esse trecho, pela simples observação do termo “que vem de dentro para fora”, o que implica que essa dor está vindo da consciência para o exterior.

É preciso muito cuidado para se ater sobre essas obras — que, na verdade, são romances, e não fontes de estudos — pois sabemos das enormes reservas que Kardec sempre teve com relação às ideias espirituais não passadas pelo duplo controle da razão e do ensinamento geral dos Espíritos. Além disso, sem estar de posse dos conhecimentos mencionados, os romances, em geral, conduzem os leitores para um caminho totalmente adverso do que ensina o Espiritismo, em verdade, e podem causar (como têm causado) mais mal do que bem.

Portanto, aos estudos!

Um ultrage: o materialismo e o dogma religioso no seio do Movimento Espírita

O materialismo e o dogma religioso está sendo divulgado e estimulado por indivíduos que se dizem espíritas e que levam, junto a palavras dulcíferas do Evangelho, grande desinformação e terríveis conceitos combatidos com muita energia por Allan Kardec.

Em defesa de Allan Kardec: sobre as adulterações

Estou me afastando totalmente da discussão a respeito de provas e evidências das adulterações em suas obras. É minha opinião de que se tornaram uma enorme perda de tempo. Explico:

De início, ao meu ver, provas e evidências da adulteração foram muito contundentes((Fatos detalhadamente apresentados em “O Legado de Allan Kardec”, de Simoni Privato, e “Nem céu, nem inferno”, de Paulo Henrique de Figueiredo e Lucas Sampaio.)).

Depois, surgiram evidências que **poderiam** indicar que não ocorreram adulterações e que tudo foi fruto do trabalho do próprio Kardec, segundo a interpretação de alguns, e isso levado por indícios e evidências de que ele, Kardec, tinha a clara intenção de publicar novas edições, com alterações, de O Céu e o Inferno e de A Gênese. Eu destaco que, a meu ver, até o momento, todas as evidências apontam que Kardec, ao menos em A Gênese, teria iniciado um trabalho nesse sentido, trabalho esse que nunca foi concluído e que deu espaço, justamente, a quem quer que teria a intenção de causar estragos da única forma possível em uma Doutrina inatacável: adulterando-se seus postulados, em sua origem.

Há quem discorde, claro. Mas tem um grande **porém**, nesse assunto, que não consigo ignorar: a questão justamente ligada à ciência espírita e a Allan Kardec como o probo, perspicaz, paciente, cuidadoso e honesto cientista que foi. De duas, uma: ou ele escreveu coisas muito importantes e sérias sob uma ansiedade que ele nunca teve, tendo depois retrocedido em suas opiniões — o que demonstraria uma grave falha em seu método e representaria um grande perigo para toda a Doutrina Espírita — ou ele foi muito cuidadoso, até o fim, e só concluiu o que deveria ser concluído, após anos de pesquisa e sob a orientação dos Espíritos superiores, como ele sempre buscou fazer.

Ora, ele mesmo disse, anos antes da publicação dessas obras, que certos assuntos doutrinários precisavam ainda aguardar alguns anos e que ele não publicaria nada muito cedo, sem que o desenvolvimento da Doutrina desse lugar a isso. O

Céu e o Inferno e A Gênese foram, justamente, essa conclusão. Não vejo como, portanto, principalmente na primeira obra, fazer mudanças que, em certos pontos, alteram **completamente** o entendimento da ideia e que, em A Gênese, fazem o conceito ou postulado doutrinário ficarem incompletos ou mal entendidos. Mas não é só: Kardec foi **muito austero** nessas duas obras, justamente no que tange aos pontos mais sensíveis, e que davam motivo a temer nos adversários do Espiritismo, e foi justamente nesses pontos onde houveram as “alterações”.

Vamos a alguns exemplos:

Em A Gênese, capítulo III, item 19, a partir da 5.^a edição, o texto encontra-se assim:

“O homem que só pelo instinto agisse constantemente poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência. Seria qual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse utilizar-se de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, porém, ao mesmo tempo, muito mau. O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões somente pelo esforço da vontade podem domar-se.”

Contudo, na 4.^a edição, hoje recuperada e traduzida para o português pela editora FEAL, existe o seguinte complemento:

Todos os homens passam pelas paixões. Os que as superaram, e não são, por natureza, orgulhosos, ambiciosos, egoístas, rancorosos, vingativos, cruéis, coléricos, sensuais, e fazem o bem sem esforços, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é porque progrediram na sequência de suas existências anteriores, tendo se livrado desse incômodo peso. É injusto dizer que eles têm menos mérito quando fazem o bem, em comparação com os que lutam contra suas tendências. Acontece que eles já alcançaram a vitória, enquanto os outros ainda não. Mas, quando alcançarem, serão como os outros. Farão o bem sem pensar nele, como crianças que leem correntemente sem ter necessidade de soletrar. É como se fossem dois doentes: um curado e cheio de força enquanto o outro está ainda em convalescença e hesita caminhar; ou como dois corredores, um dos quais está mais próximo da chegada que o outro.

Kardec, A Gênese, 4.^a edição — Editora FEAL

Ora, parece crível que Kardec tirasse essa conclusão tão **importante, profunda e libertadora** desse postulado?

Um pouco mais adiante, no capítulo XVIII, “Os tempos são chegados”, o seguinte trecho foi **suprimido** (removido) a partir da 5.ª edição da obra. Leia com atenção:

*Dizer que a humanidade está madura para a regeneração não significa que todos os indivíduos estejam no mesmo degrau, mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão desabrochar. Então, eles se mostrarão mais avançados do que se possa supor e seguirão com empenho a iniciativa da maioria. **Há, entretanto, os que são essencialmente refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão, pelo menos nesta existência; em alguns casos, de boa-fé, por convicção; outros por interesse.** São aqueles cujos interesses materiais estão ligados à atual conjuntura e que não estão adiantados o suficiente para deles abrir mão, pois o bem geral importa menos que seu bem pessoal — ficam apreensivos ao menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhes causa nenhum transtorno. **Todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas e, por isso, dedicam a elas um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada. São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo.** Caso o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Nós já o dissemos em outro lugar: “Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais seja objeto”.*

Kardec, A Gênese, 4.ª edição — Editora FEAL

Se a supressão desse trecho não parece algo realizado justamente por um adversário da Doutrina, não sei o que mais pareceria.

Já em O Céu e o Inferno, a partir da 4.ª edição, temos, dentre outras coisas, a **supressão** de importantes postulados, como estes (cap. VIII):

Pelos exemplos que o Espiritismo coloca diante de nossos olhos, ensina-nos que

a alma no mundo invisível sofre por todo o mal que fez, assim como por todo o bem que poderia ter feito e não fez durante sua vida terrestre. Que a alma não é condenada a uma penalidade absoluta, uniforme e por um tempo determinado, mas que sofre as consequências naturais de todas as suas más ações, até que se tenha melhorado pelos esforços da sua própria vontade. Ela carrega em si mesma seu próprio castigo, e isso onde quer se encontre, para o que não há necessidade de um lugar circunscrito. O Inferno, então, está onde quer que existam almas sofredoras, como o Céu está em toda parte onde existam almas felizes, o que não impede que umas e outras se agrupem, por afinidade de posição, ao redor de certos pontos.

O Céu e o Inferno, Cap. IV, item 6.º, parágrafo suprimido na adulteração, p. 85

Sendo todos os espíritos perfectíveis, em virtude da lei do progresso, trazem em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade futura e os meios de adquirir uma e de evitar a outra trabalhando em seu próprio adiantamento.

Allan Kardec, O Céu e o Inferno, 3.ª edição — Editora FEAL

Constatamos, então, uma grande perda, pela supressão desses postulados. Há diversos outros pontos, que, de acordo com certo entendimento, podem até ser ressignificados sob uma possível autoria de Allan Kardec, mas o fato é que existem, também nessa obra, alterações estranhas e que não fazem sentido. Basta comparar o capítulo **“As penas futuras segundo o Espiritismo”**, de O Céu e o Inferno, completamente desfigurado na “alteração”.

Tem mais: admitir que as todas as alterações existentes nessas obras foram realizadas por Kardec, significa dizer que ele teria realizado um erro grotesco, e não apenas uma vez, mas duas: não ter obtido a permissão necessária, do governo, para a impressão de novas edições dessas obras. Nunca conheci esse Kardec descuidado e afoito que têm apresentado por aí.

Conhecendo um pouquinho da face extremamente séria, conscienciosa e cuidadosa do professor Rivail quanto a essa ciência (como com as outras), não posso admitir as teorias das alterações por seu próprio punho, sobretudo das supressões, e, do ponto de vista científico, tudo o que vi até agora, sem contar as conclusões forçadas sob cadeias de lógica com alguns problemas, no máximo,

indica uma intenção de editar uma nova edição, o que nunca foi concluído e que, justamente, deu lugar às adulterações posteriores à sua morte, através da alteração do tipos móveis((peças utilizadas para realizar impressões prévias, naquele tempo. Essas impressões eram analisadas e corrigidas, através da alteração dos tipos (letras, pontuações, etc.) e, quando se verificava que a obra estava finalizada, eram utilizadas para a impressão da *matriz*, sendo esta utilizada para a impressão em larga escala)) existentes.

Aliás, de posse dos manuscritos de Kardec, disponibilizados pelo CDOR, da FEAL, foi possível identificar que:

Algumas cartas manuscritas demonstram que, em fevereiro de 1868, Kardec estava interessado em acrescentar trechos em A Gênese, pois era de seu costume, depois de um tempo do lançamento, revisar suas obras. Para isso, pediu conselhos aos espíritos para organizar esse trabalho.

Alguns amigos espirituais deram orientações para uma revisão da obra, com a expressa indicação para não alterar em nada as questões doutrinárias, como se percebe pelos seguintes trechos desta comunicação:

“Minha opinião é que não há absolutamente nada de doutrina a ser retirado; tudo aí é útil e satisfatório sob todos os aspectos” e

“É necessário deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez aos olhos do público”.

No caso, além da demonstração jurídica da adulteração de A Gênese, também esta comunicação reforça o fato em razão das alterações doutrinárias identificadas na obra, com a supressão de diversos trechos em que Kardec critica a moral heterônoma do fanatismo religioso, dentre outras manipulações.

Ainda nesta comunicação, o espírito sugeriu também que ele trabalhasse sem pressa e sem dedicar muito tempo:

“Sobretudo, não se apresse demais. (...) Comece a trabalhar imediatamente, mas não de forma exagerada. Não se apresse”.

<https://espírito.org.br/autonomia/ncni-conselhos-sobre-a-genese/>

Ora, o que observamos nas alterações de A Gênese, senão pressa e descuido?

Essa recomendação era justificada porque Kardec, em meio a sua difícil condição de saúde, tinha questões prioritárias para se preocupar, como a *Revista Espírita* e o projeto para a continuidade do Espiritismo através da fase de direção coletiva.

Essa é minha conclusão. Contudo, podemos até chegar a dizer que essas questões de adulteração ou não são um mero “detalhe”, um “tropeço” mesmo, que será superado quando a ciência for restaurada em sua essência. Ora, essa essência segue inalterada e está disponível para o nosso estudo. Basta estudá-la, de forma honesta, pois o homem honesto e humilde se rende frente aos resultados da investigação científica. Mas, finalizo, esse estudo precisa ser contextualizado, e um dos maiores pesquisadores desse contexto, Paulo Henrique de Figueiredo, está sendo colocado para baixo do tapete, por muitos, apenas porque ele compartilha da opinião da adulteração. E essa atitude, definitivamente, não é ciência.